

OS DEZ QUARTOS DA MENTE

Genética — Origem

Há uma casa que todos nós habitamos sem nunca tê-la escolhido.

Não tem endereço. Não aparece em nenhum mapa. E, no entanto, a conhecemos melhor do que qualquer lugar onde já tenhamos realmente vivido.

Dentro dela há dez portas.

Algumas abrimos todos os dias sem perceber.

Outras mantemos trancadas, fingindo que não têm nada a ver conosco.

E depois há os cômodos que não construímos nós mesmos, mas que de algum modo carregamos dentro de nós do mesmo jeito.

Isto não é uma teoria.

Não é um manual de psicologia juntando poeira numa estante.

É o relato de um homem que atravessou esses dez cômodos um por um, muitas vezes sem saber onde estava, e que agora, com mais alguns anos sobre os ombros, tenta descrevê-los exatamente como os viveu.

Dez portas.

Eu as abri todas.

Algumas com curiosidade.

Algumas a contragosto.

Algumas só quando já era tarde demais para voltar atrás.

Se esses cômodos parecem familiares, não é porque contam a minha história.

É porque, no fundo, contam também a sua.

Ferdinando



Genética — Origem

Gillette Narrative — Nando, o Escriba

gillettenarrative.com

Olhei-me no espelho.

Pensei que estava me vendo.

Depois comecei a ver outra coisa.

Meu pai.

Meu avô.

Seus silêncios.

Sua teimosia.

Seus medos.

Sua disciplina.

Mas cometi um erro.

Não dediquei tempo suficiente a procurar minha mãe.

A mulher que me trouxe ao mundo.

Procurei-a apenas no meu rosto.

A genética é uma biblioteca sem estantes.

Um arquivo escrito na carne.

Cada gesto contém vestígios.

Cada reação guarda uma memória.

Carregamos batalhas que nunca travamos.

Medos que nunca aprendemos.

Forças cuja origem não sabemos explicar.

Nunca somos um começo absoluto.

Somos continuidade.

Somos o próximo capítulo de uma história muito maior que o nosso nome.

Então compreendi uma coisa.

A herança mais importante não estava escrita nos traços do rosto.

Não nos olhos.

Não no formato do rosto.

Estava escrita nos atos.

Naquele jeito silencioso de enfrentar as dificuldades.

Na capacidade de resistir sem fazer barulho.

E ali, enfim, comecei a ver minha mãe.

Não no espelho.

Mas cada vez que eu escolhia não me render sem anunciar isso ao mundo.

Ferdinando